



---

**QUARTO DOMINGO DO ADVENTO  
(21/12/03)**

**1ª leitura (Antigo Testamento): Miquéias 5:1-4 (5-14)**

Miquéias era do interior, com uma desconfiança natural contra as elites governantes de Jerusalém. Vê na queda da Samaria nas mãos dos Assírios (em 721 a.C.) uma advertência de Deus para o Reino de Judá (cercada por Assírios em 701 a.C.).

Em Jerusalém prevalecia a teologia da eleição incondicional que o profeta cita em 3:11: "*Não esta O SENHOR no meio de nós? Nenhum mal virá sobre nós*". A queda da Samaria fortaleceu essa teologia pois para os círculos sacerdotais de Judá a causa da queda do Reino do Norte era seu pecado ao construir os santuários de Betel e Dã abandonando o Templo de Jerusalém (cf. 1 Rs 12:26-33). Para os sacerdotes, profetas e reis de Judá bastaria manter os rituais no Templo e Deus os protegeria. Miquéias vê essa realidade de fora do Templo anunciando que o verdadeiro Deus não é esse apresentado pela teologia da eleição incondicional. O SENHOR não se agrada com uma casa bonita, longas orações e belos cânticos mas com a prática da justiça. A cobiça das elites de Jerusalém que tinha deixado muitas famílias sem terra e sem teto (2:2,9) tinha despertado a ira de Deus.

O texto deste domingo (5:1-14) busca alimentar a esperança do povo espoliado que em 4:6-7 é comparado com ovelhas coxas, perseguidas e maltratadas. O salvador virá do interior, do meio do povo. Uma pequena cidade (a menor; cf. 5:1) da periferia de Jerusalém chamada Belém será seu berço e não o monte Sião tão celebrado pelas elites sacerdotais. Em hebraico *Bet-Lehem* significa "*Casa do Pão/Alimento*" e *Efrata* significa "*aquela que é fértil*", dois nomes que sugerem vida em abundância para a gente excluída de Judá. Da menor das cidades virá o salvador dos pequenos e pequenas, da gente aleijada, maltratada e perseguida. Uma mulher, uma daquelas que ficaram sem casa para suas famílias, dará a luz! Também Maria ficou sem teto ao dar a luz! (5:2 cf. Lc 2:7). Miquéias vê o salvador como aquele que "governa" (*moshel*, 5:1) evitando usar o termo rei ou reinado (*melek*) e também aquele que "pastoreia" (5:3) aproximando-o da realidade dos mais pobres. Veja que a continuação a esperança continua a estar com os pastores que aliados com as milícias populares seriam os únicos capazes de vencer os Assírios (5:4-5). Então o "resto de Jacó" (a gente oprimida da terra) viverá sem temer ninguém nem depender de ninguém (5:6-7). Nesta nova realidade não existirão instrumentos de guerra (carros, cavalos e fortalezas), nem cidades opressoras das famílias camponesas, nem imagens nem ídolos usados para enganar o povo! (5:8-14). Este é o Reino onde Miquéias viu seu povo



vivendo em paz cabe saber se é também nossa visão do Reino de Deus revelado em Jesus Cristo. (Humberto Maiztegui Gonçalves)

### **2ª leitura (Epístola): Hebreus 10.5-10**

Desde muito cedo eu senti a necessidade de usar óculos. Mas como toda criança, e mais tarde, todo adolescente, eu cresci tendo que trocar as armações e mesmo as lentes com uma certa freqüência. Em primeiro lugar por causa das freqüentes quedas por que passam todos os meninos nessa idade, e em segundo lugar, por causa da mudança do grau das minhas lentes. Mudar de óculos, contudo, sempre me fazia ver o mundo de uma forma nova.

No texto da epístola de hoje, o autor do livro de Hebreus procura apresentar Cristo como aquele que é superior a cada aspecto da lei do Antigo Testamento. Cristo, portanto é superior aos anjos, a Moisés, à própria lei, aos sacerdotes, e também aos sacrifícios. Neste texto a superioridade de Cristo é destacada em relação aos sacrifícios. Em que consiste sua superioridade? Com base em uma leitura do Salmo 40:6-8, o autor argumenta que o sacrifício de Cristo é superior porque substitui um sistema baseado no sangue dos animais por um outro baseado na obediência.

Em primeiro lugar, esta é uma obediência que se faz com todo o seu ser (v.5) "um corpo me formaste". De acordo com este texto, uma das mais notáveis diferenças entre Cristo e os sacrifícios do Antigo Testamento é que Cristo assume nossa natureza humana. Não se trata, aqui, da morte de ovelhas ou bois ou aves, mas de alguém que era perfeitamente humano como cada um de nós. Cristo assume a humanidade para se identificar completamente com aqueles por quem iria morrer. Aquilo que os animais não podiam fazer Cristo podia. Só ele, portanto, poderia de identificar plenamente com a humanidade.

Em segundo lugar, esta é uma obediência que remove uma velha forma de justificação. (v.9) Remover o "primeiro", significa substituir aquele sistema obsoleto de justificação baseado em "sacrifícios...holocaustos...e oblações" (v.8) por uma outra forma de relacionamento baseada na obediência à vontade de Deus. "...eis aqui estou para fazer, ó Deus, a tua vontade". (v.9) O que este texto está dizendo é que todo aquele enorme e intrincado sistema de justificação que é descrito no livro de Levítico, é agora considerado obsoleto e substituído por uma outra forma de criar e fortalecer os relacionamentos quebrados entre Deus e a humanidade. Esta nova forma nos faz voltar os olhos para a pessoa de Cristo. Sua vida de obediência é um exemplo que nós devemos seguir a fim de habitarmos com ele na glória do Pai.



Em terceiro lugar, esta é uma obediência satisfatória (v.10) Dentro do sistema veterotestamentário os sacrifícios precisavam ser refeitos a cada ciclo de dias ou anos. Isto significava que diariamente havia derramamento de sangue para que o pecado fosse perdoado. E a cada pecado, mais sangue precisava ser apresentado. A oferta do corpo de Cristo, no entanto, é feita "uma vez por todas", ou como se diz no verso 12, Jesus ofereceu, "um único sacrifício" para sempre. Nunca mais o sacrificio de Cristo precisa ser refeito. Sua morte, realizada uma só vez pelos pecados da humanidade, nos garante a nova vida de Deus, em Cristo.

Para concluir, devemos notar que o sacrifício de Cristo, e a oferta do seu corpo por nós, produzem uma realidade espiritual em nossa vida. O texto nos diz que ele nos "santifica". Este texto nos dá conta de que, seguindo a Cristo, entramos em uma nova relação com Deus. Esta nova relação é a relação daqueles que foram "purificados" e "aperfeiçoados", por Deus. Temos sido obedientes como Cristo também foi? (Jorge Aquino)

### **Santo Evangelho: Lucas 1.39-49 (50-56)**

Lucas ao se propor escrever de forma organizada e compreensível trazia consigo perguntas, que apesar de sua simplicidade reivindicavam urgência para reconhecer os autores da narrativa. Os "Teófilos" com certeza, acostumados a ouvir estórias e histórias esperavam de Lucas explicações aceitáveis. Por certo perguntas não faltavam.

Volto a lembrar que Lucas será compreendido na medida em que compreendermos sua proposta: o texto de Lc 1,1-4 deve, portanto, se constituir ponto de partida para se ler qualquer texto de Lucas.

#### Contextualizando o texto

É inevitável que se perceba a preocupação de Lucas em demonstrar como os fatos aconteceram. Não se trata de um interesse apenas em fatos históricos; seu empenho maior é teológico. Ele, cidadão de outra terra, de outro tempo e outra cultura (ver em "*conversando com Lucas*), narra fatos acontecidos desde o princípio (Lc1,1)

#### Duas narrativas com algo em comum.

As duas narrativas de Lucas que contam de João Batista e Jesus, tem pontos em comum: Anuncio - Nascimento - Hino (Lc 1,5-2,52)

#### Um conjunto de coisas estranhas



A narrativa concentra uma série de coisas estranhas: Isabel, velha e sem filhos não passa de uma esquecida por (maldita), e torna-se motivo de risos. Personifica a desgraça de uma casa.

Maria, uma jovem, grávida sem deitar-se com homem algum, não passa de uma maldita que tem como prêmio legal, o apedrejamento.

### Dicas do texto

O texto coloca em evidência as mulheres que em sua cultura ocupavam lugar secundário. É nas mulheres que vem o sinal da ação de Deus, mesmo para aquilo que os homens consideram impossível.(1,37)

O encontro de duas mulheres a velha e a jovem, torna possível o encontro entre duas crianças: João Batista e Jesus: a promessa e realização.

Os nomes das pessoas envolvidas dão sentido do grande encontro de Deus com os pobres:

Jesus (Deus salva) filho de alguém que deveria ser apedrejado;

João (Deus é misericordioso) filho de uma mulher "desgraçada" por não ter filhos e já idosa;

Zacarias (Deus se lembra) um homem fiel a Deus, mas certamente ridicularizado por não haver herdeiros;

Isabel (Deus é plenitude) nome carregado por alguém em quem se manifesta o vazio, a ausência e o "esquecimento de Deus".

Bendita és! - Maria (a amada) que abre espaço em si para a ação misericordiosa de Deus, torna-se mãe do salvador (Jesus) tornando-se a grande discípula cujo discipulado se traduz em diaconia. (visita a Isabel) (Lauri Wolmann)

### **2o. Comentário (Lucas 1.39-49 (50-56):**

Essa narrativa é parte dos chamados "evangelhos da infância", que seguem um estilo literário próprio da antiguidade, qual seja, as histórias maravilhosas que envolvem o nascimento de grandes homens. No Antigo Testamento já encontramos relatos semelhantes ligados ao nascimento de Moisés, Sansão e Samuel. Mas há narrativas semelhantes também em outras culturas, exaltando o nascimento de reis (como Sargão da Babilônia - 2300 aC, Augusto), mestres (Buda, Pitágoras) e taumaturgos (Apolônio de Tiana). Em alguns casos, a fecundação também não ocorre pelas vias normais. A mãe de Sidarta Gautama (Buda), por exemplo, teria sido fecundada por Bodisatva, "o Senhor dos três mundos" numa noite de lua cheia, enquanto a mulher jejuava. Bodisatva teria tomado a forma de um elefante branco como a neve, que



entrou dançando “pelo lado direito” da mãe do Buda. De acordo com as narrativas budistas, forças curadoras se irradiaram do corpo da rainha grávida e muitos doentes recuperaram a saúde. Chegado o momento de nascer, Sidarta sai também “pelo lado direito” e não pelo canal vaginal e então flores desabrocham e uma onda de luz dissipa as trevas... cegos vêem, surdos ouvem e “todos se enchem de paz”.

O texto de Lucas adota esse mesmo gênero literário para exaltar o nascimento de dois homens que mudariam a face da terra – João Batista, o precursor, e Jesus, o Filho do Homem, o Deus encarnado. A narrativa de Lucas reforça o fato de que a história de Jesus já se achava ligada à de João Batista mesmo antes do nascimento de ambos, ou seja, João não se tornou precursor de Jesus somente no Jordão. Há quem defenda a tese de que Lucas e o autor do quarto evangelho dedicam tantas menções a João Batista porque este teve um grupo de seguidores que, durante certo tempo, rivalizou com os seguidores de Jesus. Os evangelistas então queriam esclarecer a ligação entre ambos, colocando João Batista em seu devido lugar, mas também reconhecendo sua importância na história da salvação.

Maria é uma figura singular nisso tudo. Ela se dispõe a arcar com as consequências de uma gravidez que não poderia ser explicada humanamente nem mesmo a seu noivo, José. Porém, Maria reconhece nessa gravidez a ação do Espírito de Deus. A partir dessas narrativas desenvolveu-se já na igreja primitiva a veneração a Maria que, em alguns casos, tomou proporções de quase divinização de sua pessoa. A Igreja Católica Romana promulgou e defende dois dogmas marianos bastante contestados entre os protestantes, evangélicos, anglicanos e ortodoxos: a virgindade “perpétua” de Maria e sua ascensão corporal aos céus. Talvez devido a tais exageros, a maioria dos grupos evangélicos e protestantes caiu no extremo oposto, com total indiferença à mãe de Jesus.

A tradição anglicana guarda alto apreço por Maria (sobre isso ver o artigo do Rev. Jorge Aquino, no site do CEA, “Maria na tradição anglicana”). A “via-média” anglicana permite-nos reconhecer o insuperável papel de Maria na economia da salvação (em alguns grupos anglicanos até se desenvolveu também uma certa devoção mariana, bastante questionada por anglicanos evangélicos). O equilíbrio de nossa “via-média” pode ser encontrado no reconhecimento de que Maria foi a primeira pessoa na humanidade que, efetivamente, “aceitou Jesus”, acolhendo-o não só em seu coração, mas em seu corpo. A partir daí os anglicanos evangélicos podem ter Maria como exemplo e tipo ideal do mistério da salvação: ela é escolhida, por total iniciativa e graça de Deus; ouve a mensagem divina e não se fecha nem rejeita o que Deus lhe propõe. Seu ato de “aceitar Jesus” e ser portadora da divindade



## **Centro de Estudos Anglicanos**



---

(Theotokos) a torna um grande modelo para nossas vidas (Carlos Eduardo Calvani).